



ariús

Revista de Ciências Humanas e Artes

ISSN 0103-9253

v. 16, n. 1/2, jan./dez. 2010

Narrativa Histórica: olhares, lugares e sentidos

REGINA COELLI GOMES NASCIMENTO

Universidade Federal de Campina Grande

RESUMO

Este texto trata de uma reflexão sobre a prática de pesquisar na academia. Nosso interesse pela temática surgiu ao acompanhar o processo de elaboração de monografias e dissertações de alunos e alunas da graduação e pós-graduação em História da UFCG, e percebermos as angústias e as dificuldades deles ao se depararem com produção do trabalho acadêmico.

Palavras-chave: Leitura . Escrita. História.

Historical Narratives: places, senses and images

ABSTRACT

This text deals with the reflection on academic research practice. The interest for the theme started after our experience monitoring the monographic and dissertation writing process from students of undergraduate and postgraduate History course at UFCG. We could see the anxiety and difficulties demonstrated by the students when they were exposed to the production of academic work.

Key words: Reading. Writing. History

Regina Coelli Gomes Nascimento

Doutora em História pela Universidade Federal de Pernambuco. Professora da Universidade Federal de Campina Grande.
Email: reginacoelli2@yahoo.com.br.

Este texto discute questões relacionadas à pesquisa, à leitura e à narrativa histórica. Nosso interesse pela temática surgiu ao acompanhar o processo de elaboração de monografias e dissertações de alunos e alunas da graduação e pós-graduação em História da UFCG, e percebermos as angústias e dificuldades para a produção do trabalho acadêmico, em especial, questões como: Qual o papel da narrativa na história? Por onde começar a pesquisa? Como articular pesquisa, metodologia e teoria no processo de construção do saber histórico?

Essas e outras questões nos convidam a pensar sobre o que nos move ao pesquisar e escrever história na contemporaneidade. Alguns autores nos auxiliaram nessa reflexão a exemplo de Nietzsche, Foucault, Paul Ricoeur, Jorge Larrosa dentre outros que pensam a pesquisa e a escrita na contemporaneidade.

Nessa caminhada nos chama atenção inicialmente o percurso para a escolha do tema. Como iniciar uma pesquisa? O que é uma narrativa histórica? Na academia é comum alunos e professores destacarem a necessidade de iniciar a pesquisar sobre o assunto que nos intriga, que nos deixa insatisfeitos com as respostas estabelecidas. Esse sentimento de desconforto, de inquietude diante de um problema e das respostas encontradas seria um dos primeiros sinais para iniciarmos uma pesquisa que dependendo do nosso investimento pode ganhar fôlego e resultar numa narrativa onde a ação humana é recriada a partir de uma intriga.

Ao buscar responder a primeira questão encontramos em Nietzsche (2000, p. 50) uma primeira indicação que pode evitar dissabores no futuro quando afirma que nunca refletiu “a respeito de problemas que não são problemas”. Sua afirmação nos remete a uma das primeiras preocupações do historiador ao iniciar uma pesquisa, ou seja, realizar o mapeamento das fontes e da bibliografia para construir o objeto com clareza e objetivando evitando perder tempo. Essas considerações são fundamentais para o historiador que pensa a leitura da bibliografia e da documentação utilizada enquanto um momento de problematização, de reflexão em que a razão e sensibilidade estarão inquietando, fascinando e despertando o pesquisador a continuar pensando a aventura dos homens no tempo.

Após esse momento inicial de dúvidas e incertezas em que são mapeadas fontes e bibliografia relacionadas ao tema escolhido, pois “ninguém inicia uma reflexão científica ou acadêmica a partir do zero” (BARROS, 2005, p. 54) o pesquisador problematiza as fontes e a bibliografia investigadas, estabelecendo diálogos para

evitar repetições, suspeitando das respostas simplistas, segundo Corazza:

O que funciona é exercitar a suspeição sobre a própria formação histórica que nos constituiu e nos constitui, e interrogá-la sobre se tudo o que dizemos é tudo o que se pode ser dito, bem como se aquilo que vemos é tudo que se pode ver (CORAZZA, 2007, p. 116).

A problematização se constitui em um momento especial para pensar as diferenças, as discordâncias, as discussões ou conflitos em relação à temática escolhida, também é uma ocasião para se buscar respaldo acadêmico através de um aprofundamento historiográfico e teórico, para poder delimitar o tema da pesquisa e situá-lo no tempo e no espaço. Restringindo-o a um âmbito específico que não dê margem a interpretações muito amplas, mas que possibilite seu aprofundamento, permitindo destacar o ponto central onde reside a dúvida que se pretende resolver através da pesquisa.

A partir dessas preocupações será possível recortar, construir um problema, estabelecer uma direção, tornando a pesquisa possível, viável e relevante. “[...] O problema não é mais a tradição e o rastro, mas o recorte e o limite; não é mais o fundamento que se perpetua, e sim as transformações que valem como fundação e renovação dos fundamentos” (FOUCAULT, 1986, p. 6).

É pertinente assinalar que a construção da pesquisa tem se encaminhado no sentido de um processo de criação e não de mera constatação dos acontecimentos do passado. A singularidade da pesquisa está na originalidade do olhar, na sensibilidade para pensar sobre as particularidades que permeiam a história. O historiador nesse percurso deve estar atento as suas intuições, as suas dúvidas se comportando muitas vezes como o aventureiro deslumbrado diante dos documentos pesquisados ou indignado diante da falta de informações. Sua persistência e impetuosidade de detetive atrevido, incomodado com o silêncio e a ausência de informações, tornam essa aventura inquietante e prazerosa.

Após ultrapassar essa fase de inquietudes e incertezas, de posse da pesquisa e das leituras indicadas o pesquisador se depara com uma certeza que os resultados são parciais e provisórios. E que ele não pode ter a pretensão de contar a verdade total e definitiva a partir dos documentos, uma vez que:

O documento, pois, não é mais, para a história, essa matéria inerte através da qual ela tenta reconstituir o que os homens fizeram ou disseram, o que é passado e o que deixa apenas rastros: ela procura definir, no próprio tecido documental, unidades, conjuntos, séries, relações (FOUCAULT, 1986, p. 7).

O exercício do pesquisador segue outras caminhadas, se não é possível encontrar a verdade nos documentos pesquisados, o que passa a motivar a produção do saber histórico são os rastros, as dúvidas, os olhares, o desejo de atribuir sentidos aos eventos do passado e tecer novas teorizações sobre o objeto.

As interrogações que interessam são aquelas que dão sentido a pesquisa e estão relacionadas com os posicionamentos teóricos e metodológicos adotados, ou seja, de onde olhamos e pensamos, renunciando a uma origem secreta e a um já-dito. “Não é preciso remeter o discurso à longínqua presença da origem; é preciso tratá-lo no jogo de sua instância” (FOUCAULT, 1986, p. 28). Que não obedece a um destino previamente definido, mas à casualidade dos acontecimentos.

Nesse percurso de construção da narrativa histórica como articular teoria e metodologia e pesquisa? O caminho inicial seria estudar um autor e depois aplicar a teoria ao objeto? Nesse caminho alguns trabalhos são produzidos quando o autor vai intermediando teoria e exemplificação a partir das fontes pesquisadas. Partindo dessa premissa FICHER nos alerta sobre a os cuidados que devemos ter ao estabelecermos uma aproximação com os autores com os quais dialogamos:

que possamos, diante dos livros, das palavras de alguns autores, dizer, escrever, pensar sobre – aquilo que ali nos seduz, que nos faz vibrar, que nos encoraja a uma certa audácia de pensamento sobre o presente que vivemos, sobre o tema de pesquisa pelo qual nos apaixonamos, sobre a inquietação que nos mobiliza a realizar esta ou aquela investigação, sobre um determinado problema... (FICHER, 2005, p. 122)

Assim, dependendo da capacidade argumentativa, alguns trabalhos seguem este caminho de forma articulada, demonstrando sensibilidade, harmonia e refinamento na escrita. A afirmação de FICHER nos remete a outra questão: o que é trabalhar de forma sensível e produtiva com um autor? Uma das possíveis respostas está ligada a relação que temos com a leitura, se é de dependência ou independência e autonomia, pois o mergulho em conceitos e teorias está relacionado à forma como estamos estabelecendo sentidos para o mundo e como narramos às histórias que construímos. E a escolhas

devem ser balizadas segundo Schopke tendo como referencial a originalidade do pensador que “deve ser medida pela qualidade e intensidade de seus afetos e pela força de conexão entre as suas idéias” e acrescentamos, as nossas e os pontos de aproximações e distanciamentos que estabelecemos quando lemos (SCHOPKE, 2004, 25). Deleuze em uma conversa com Foucault cita uma afirmação de Proust sobre as preocupações do pesquisador ao realizar suas escolhas teóricas:

Tratem os livros como óculos dirigidos para fora e se eles não lhes servem, consigam outros, encontrem vocês mesmos os instrumentos, que é forçosamente um instrumento de combate. [...] uma teoria é como uma caixa de ferramenta. Nada tem a ver com o significante (FOUCAULT, 1979, p. 71)

Que os teóricos nos permitam analisar situações contemporâneas e criar um espaços de dialogos entre o presente o passado e que as fontes, referências historiográficas, metodológicas e teóricas, possibilitem a construção de narrativas históricas pensadas a partir de cenários, episódios, seqüências e argumentações entrelaçadas pela problematização.

Neste percurso não se pode perder de vista que a narrativa histórica é permeada pela profusão de notas com a finalidade de comprovar sua argumentação e “A prova só é aceitável se for verificável” (PROST, 2008, p.325). Então o historiador não recorre ao argumento de autoridade, ele deve tornar sua narrativa aceitável, convincente a partir das provas que fundamentam sua argumentação. Neste sentido, a nota de rodapé:

Por um lado, ela permite a verificação das afirmações do texto que, deste modo, escapa ao argumento de autoridade. É como se dissesse: ‘não inventei o que afirmo; se conferirem as notas, vocês vão chegar as mesmas conclusões’ Mas, por outro lado, ela é também indicio visível de cientificidade e exposição do saber do autor, podendo funcionar, neste aspecto, como argumento de autoridade. (PROST, 2008, p. 24).

Entretanto, que a necessidade da nota de rodapé, não anule a criatividade e que nossa escrita não seja uma colcha de retalhos repleta de citações, pesquisa e argumentação com “breves aparições de nós mesmos, daquilo que pensamos, daquilo que nos mobiliza e nos faz tremer a voz, as vísceras, o olhar.” (FISCHER, 2005, p. 121) Para que a leitura e escrita sejam menos automáticas e mais transgressoras que tenham um caráter de experiência como “aquilo que nos passa, ou nos toca,

ou nos acontece, e ao nos passar nos forma e nos transforma.” (LARROSA, 2004, p. 163) Só assim, poderemos produzir uma narrativa histórica pulsante, com enredos, cenários e sujeitos questionadores das verdades estabelecidas. Tais escolhas remetem “[...] a seleção do fato, sua construção, os aspectos selecionados e o valor que lhes é atribuído, dependendo do enredo escolhido.” (PROST, 2008, p. 220) Assim, a narrativa histórica não está pronta ela é construída, modelada e significada a partir do lugar que o historiador se coloca.

Neste momento do texto outra questão nos chama atenção: O que é e como elaborar uma narrativa histórica? Dependendo dos autores com os quais estejamos dialogando vários caminhos podem ser apontados. O filósofo francês Paul Ricoeur, por exemplo, no livro *Tempo e Narrativa*, vai recolocar a narrativa como uma questão e como um problema para os historiadores e vai mostrar a articulação entre tempo, que é a nossa categoria central e a própria narrativa. Sua tese central é a de que o tempo torna-se tempo humano à medida que é articulado de modo narrativo, e que a narrativa atinge seu pleno significado quando se torna uma condição da existência temporal. Nesse sentido, considera que a única forma de abordar o tempo é pela narrativa. Para fundamentar a reciprocidade entre narratividade e temporalidade, o autor tomou por base as *Confissões* de Santo Agostinho e a *Poética* de Aristóteles. (RICOEUR, 1994)

Em sua análise reafirma que o tempo é totalmente dependente da narrativa para ser percebido, para ser significado. O tempo não tem ser e é totalmente abstrato. O ser do tempo é aquilo que é vivido, que é contado, que é experimentado. O tempo é vivência, é memória, é narrativa. E é uma categoria das mais abstratas com que lidamos, ele não é tocável, ele só é visível, ele só é visto a partir das experiências, das ações, das marcas no corpo e através das narrativas.

Ricoeur considera que a percepção de temporalidade de Agostinho é a mais radical ao perceber o desespero da finitude humana. Para Agostinho, os homens vivem eternamente no presente, que é o vir-a-ser agora que já não é mais e a cada vez que falamos não somos. Esse seria o drama da temporalidade humana que Agostinho apresentou e que Ricoeur chama de aporia do ser e o não ser do tempo.

Agostinho transfere para a espera e para a memória a idéia de um longo futuro e de um longo passado. Tudo o que fugiu é passado, tudo o que resta é futuro. O tempo presente grita que não pode ser longo. A noção de

presente está relacionada à passagem, à transição, e é por isso que criamos a narrativa, que é a forma de prevermos isso que passa, e com o qual nós não conseguimos lidar. Esse é o drama da existência humana.

A narração implica memória, a previsão implica espera. Recordar é ter uma imagem do passado e essa imagem é deixada pelos acontecimentos e que permanece fixadas no sujeito. Ricoeur utilizou a idéia de intriga de Aristóteles que concebe que obra de ficção envolve primeiro uma imitação da ação humana. A intriga é essa atitude de imitar a ação humana. Toda narrativa requer uma intriga. Se há intriga há narrativa, há experiência temporal. (RICOEUR, 1994, p. 59)

A tese de Ricoeur repousa na asserção de um laço indireto de derivação pelo qual o saber histórico procede da compreensão narrativa sem nada perder de sua ambição científica. O mesmo afirma que *“Reconstruir os laços indiretos da história com a narrativa é, finalmente, trazer à luz a intencionalidade do pensamento histórico pela qual a história continua a visar obliquamente ao campo da ação humana e a sua temporalidade de base”*. (RICOEUR, 1994, p.134) Assim, o tempo torna-se humano à medida que é articulado de um modo narrativo, e que a narrativa atinge seu pleno significado quando se torna uma condição da existência temporal.

A partir das idéias apresentadas por Ricoeur, podemos compreender que narrar algo é relacionar a experiência humana. Ou seja, ele parte da idéia que o tempo humano é um tempo recontado. Assim, a narrativa comporta três semelhanças miméticas: o tempo de ação vivida, o de invenção (armação) da intriga e o tempo da leitura. Ao prefigurar uma trama, nós temos que prefigurar uma imagem do tempo que nós temos.

Os historiadores ao elaborarem suas narrativas estarão intrigando com o tempo e com a experiência humana. Estarão sempre prefigurando, configurando e refigurando. A perspectiva será sempre a de que a história seja seguida, dar a ela um sentido para que o leitor possa compreendê-la. Se há intriga há narrativa, há experiência temporal, há experiência humana.

No entender de Bárbara W. Tuchman, o historiador ao elaborar uma narrativa histórica deve lembrar que *“O que a imaginação é para o poeta, os fatos são para o historiador. Seu critério é exercido na seleção desses fatos; sua arte, em organizá-los. Seu método é narrativo. Seu assunto é o relato do passado humano. Sua função é torná-lo conhecido”*. Em sua análise afirma que o historiador ao elaborar sua narrativa pode utilizar a linguagem cotidiana

e, assim, “Escrever história de modo a encantar o leitor e tornar o assunto tão cativante e emocionante para ele quanto é para mim...”. Nessa perspectiva, o segredo da boa narrativa histórica, ao contrário do romance policial, não está na surpresa do desenlace e sim na condução sensível do leitor diante de um percurso sugestivo. (TUCHMAN, 1991. p. 24)

De acordo com as normas acadêmicas, que em nossa escrita os autores escolhidos estejam presentes de forma direta nas citações ou de forma indireta através de nossa apropriação dos conceitos. Uma vez que as problematizações construídas ao longo do processo de construção da narrativa é que vão dar resignificação as teorias, ao 'aparato' conceitual. Tudo isso, vai depender da nossa relação com a leitura, da forma como nos deixamos transformar pela leitura, como aceitamos modificar nossas certezas e como a leitura pode ser uma experiência transformadora de nossas vidas e dos nossos trabalhos acadêmicos.

REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz de. *A Arte de Inventar o Passado*. Natal, Cadernos de História, nº 02, 1998.
- BARROS, J. D'Assunção. *O projeto de pesquisa em história: da escolha do tema ao quadro teórico*. Petrópolis: Vozes, 2005.
- BURKE, Peter. (Org.) *A escrita da história: novas perspectivas*. Tradução Magda Lopes. São Paulo: Editora da UNESP, 1992.
- DE DECCA, Salvadori. E LEMARIE, Ria. (org.) *Pelas margens – outros Caminhos da História e da Literatura*. São Paulo: Ed. da UNICAMP, 2000.
- FISCHER, R. M. B. Escrita acadêmica: arte de assinar o que se lê. In: COSTA, Marisa Vorraber & BUJES, Maria Isabel Edelweiss. (Org.) *Caminhos Investigativos III*. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.
- FOUCAULT, M. Os intelectuais e o poder. In: _____. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Graal, 1979.
- _____. *Arqueologia do saber*. 2. ed. Tradução Luiz Filipe B. Neves. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1986.
- HALL, S. *A questão da identidade cultural*. Campinas: UNICAMP, 1995.
- LARROSA, J. *Nietzsche e a educação*. Trad. Alfredo Veiga Neto. Belo Horizonte. Autêntica, 2002.
- _____.; SKLIAR, C. *Habitantes de Babel: políticas e poéticas da diferença*. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.
- LINS, D. (Org.) *Cultura e subjetividade: saberes nômades*. 2. ed. Campinas: Papyrus, 1997.
- NIETZSCHE, F. *Ecce Homo*. Tradução Pietro Nasseti. São Paulo: Martin Claret, 2000.
- PROST, Antoine. *Doze lições sobre a história*. [tradução de Guilherme João de Freitas Teixeira]. — Belo Horizonte : Autêntica Editora , 2008.
- REIS, José Carlos. *Tempo, História e Evasão*. Campinas.SP: Papyrus, 1994.
- RICOEUR, Paul, *Tempo e Narrativa* (tomo I); Tradução Constança Marcondes César – Campinas, SP: Papyrus, 1994.
- SCHOPKE, R. *O pensamento como ultrapassamento da representação clássica*. In: _____. *Por uma filosofia da diferença: Giles Deleuze, o pensador nômade*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2004.
- TUCHMAN, Bárbara W. *A Prática da História*: Tradução De Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: José Olímpio, 1991.

Recebido em abril de 2010

Revisado e Aprovado em outubro de 2010
